

UM CONTO DAS ÉTICAS AMBIENTAIS DAS ÁGUAS: (QUASE) TUDO O QUE ENCONTRAMOS NA TRILHA

EM INGLÊS A TALE OF ENVIRONMENTAL ETHICS OF THE WATERS: ALMOST EVERYTHING WE FOUND ON THE TRAIL

Neilton dos Reis¹

Laís de Souza Rédua²

RESUMO: Este artigo é um exercício de experimentação de escrita acerca da Educação Ambiental e sua relação com a formação docente. O foco principal é pensar as éticas ambientais (Daniel Braga Lourenço) que parecem movimentar as licenciaturas. Para isso, partimos de uma atividade de um projeto de pesquisa e extensão que ocorreu no ano de 2023 em uma Universidade Pública no estado de Minas Gerais. Na atividade, foram recolhidas impressões de crianças estudantes, da Educação Básica sobre a natureza. Reunimos essas impressões em um conto-discussão que debate as temáticas propostas pelo foco do artigo. Não buscamos uma análise detalhada de cada registro, mas seguindo métodos, pesquisas e escrita propostos por Glória Anzaldúa e também por Renata Lima Aspis, procuramos compor histórias com conceitos, componho com epistemologias dissidentes um arcabouço de discussões que podem ser instrumentos ao questionamento. Propomos, assim, uma perspectiva de ética ambiental para a formação docente: a urgência da paixão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental. Narrativa. Extensão. Criança. Ética.


ABSTRACT: O This article is an exercise in writing experimentation about Environmental Education and its relationship to teacher training. The focus is to think about the environmental ethics (Daniel Braga Lourenço) of teacher training. To do this, we started from an activity of a research and extension project that took place in 2023 at a Public University in the state of Minas Gerais. In the activity, impressions were collected from children studying Basic Education about nature. We gathered these impressions in a short-story discussion that debates the themes proposed by the focus of the article. We do not seek a detailed analysis of each record, but following research and writing methods proposed by Glória Anzaldúa and also by Renata Lima Aspis, we seek to compose stories with concepts, composing with dissident epistemologies a framework for discussions that can be instruments for questioning. We therefore propose an environmental ethics perspective for teacher training: the urgency of passion.

KEYWORDS: Environmental education. Narrative. Extension. Child. Ethic.


Introdução: de trás pra frente

Tem uma brincadeira de roda, comum na nossa infância, que chamávamos de “passaralho” — mas que, em outras tradições, é “passará”. Consistia de um trenzinho passando por debaixo de uma ponte construída pelas mãos de duas crianças. A ponte se

¹ Universidade Federal do Oeste da Bahia. E-mail: neilton.dreis@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7511-7698>

² Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: lais.redua@uemg.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1281-3805>

● [Informações completas no final do texto](#)

fechava quando o último integrante do trenzinho passava por ela, obrigando-o a escolher entre duas opções. Tudo isso embalado pela cantiga: Passaralho, passaralho / Quero ver você passar / Se não for o da frente/ Deve ser o de trás...

Eu gostava muito dessa brincadeira. Não sabia a hora de parar. Não enjoava.

Hoje, gosto de títulos. Talvez seja a parte mais divertida — ou poética — de uma escrita (acadêmica). Nas aulas de Metodologia Científica ou de Escrita de Projetos de Pesquisa, ensinamos: os títulos devem ser informativos, não muito longos, condizentes com o conteúdo do texto e, se possível, atraente o suficiente para fisgar a leitora — ainda que, na metáfora de peixes e oceanos, talvez a leitora que deva fisgar um texto no oceano dos levantamentos bibliográficos (então, melhor dizendo: atraente o suficiente para ser notado e, logo, fisdado). É, eu gosto de títulos: o lugar que podemos informar, atrair, seduzir e... brincar.

E por que deixar a brincadeira em um título de palavras inventadas, conceitos e parênteses? Podemos não saber a hora de parar. Continuar. É o que farei.

Este texto é uma tentativa, um exercício de mapeamento de algumas invenções feitas a partir experiências vividas em torno de projetos de pesquisa e extensão que estão em curso desde o ano de 2022 e que têm atravessado a formação de professores e a comunicação entre Universidade e Educação Básica. Para isso, vou de trás pra frente com esse título. Começando de “na trilha” e indo até o “um inventário”, quero ver você passar, se não for o da frente, deve ser o de trás, trás, trás, trás...

“Na trilha”

Os seus nomes de origem foram “na trilha das abelhas: polinização da escola para a universidade, da universidade para a escola”, “na trilha da biodiversidade” e “na trilha da biodiversidade: e se a universidade fosse nossa?”, mas nos acostumamos a chamá-los, em um grande guarda-chuva, de “na trilha”.

O na trilha, materializado nesses três momentos-projetos que aconteceram, por vezes, concomitantes, tem se distribuído espacialmente em uma Universidade pública no estado de Minas Gerais e em outra Universidade pública, mas no estado da Bahia. Ele conta com uma equipe de quatro professoras (três mulheres e um homem) de ensino superior, e um horda de graduandas e graduandos dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas e de Pedagogia.

Pensado inicialmente como uma retomada dos espaços públicos (uma vez que vivíamos um afastamento nos anos de 2020 e 2021 provocado pelo distanciamento social em função da Covid 19), o “na trilha” foi ocupando outros lugares na política e na poética de quem participava. Parte dessas políticas e poéticas de natureza, educação e universidade, eu irei trilhar nesse texto.

De forma geral, as trilhas consistem em atividades de extensão para apresentação dos espaços universitários a visitantes (geralmente estudantes da Educação Básica). Seja em um percurso pré-determinado pelo campus, seja em um circuito mais livre, sempre buscamos conversar sobre a interação dos seres humanos com o ambiente a partir de uma temática específica (já foi abelhas, água, plantas etc). Junto disso, procuramos pensar a importância da Universidade, conversar sobre projetos de vida de estudantes que participam conosco e trabalhar alguns pontos de educação ambiental e natureza.

Nos dias de trilha, é comum receber estudantes de uma ou de mais turmas de estudantes da Educação Básica acompanhadas de funcionárias/os das escolas. Antes de iniciarmos as trilhas sempre é feita uma apresentação entre participantes do dia e nós, equipe de extensionistas. Dependendo do tamanho das turmas, dividimos em 2 ou 3 grupos com aproximadamente 15 alunos em cada — com turmas pequenas de 20 alunos apenas um grupo é necessário. A partir de então, o percurso começa com os objetivos característicos de cada tipo de trilha. Em outras produções, a equipe tem se dedicado a expor os funcionamentos e desdobramentos dessas trilhas. Nesse texto, ficaremos naquilo que analisamos como ética ambiental — e já chegaremos lá.

O que encontramos

Para esse artigo, o nosso objetivo é pensar as possíveis éticas ambientais que circundam a formação docente no âmbito das licenciaturas. Isso será feito a partir de uma das experiências de trilha, realizada no ano de 2023, que movimentou os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e de Pedagogia de uma universidade pública mineira. Se tratou do que nomeamos como “a trilha das águas” e participaram, além da equipe responsável pela atividade, 70 crianças da Educação Básica de uma escola pública municipal.

Os movimentos reflexivos construídos para esse texto se deram junto a uma pesquisa realizada com financiamento e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do

Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) que acontecia concomitante às atividades de Extensão (e algumas de Ensino). Assim, os dados e discussões da pesquisa caminhavam junto àquilo que inventávamos nas trilhas, ambos se retroalimentando. A pesquisa se constituiu como resultado de inquietações e trajetórias acadêmicas que percorreram inúmeros caminhos, mas que possuiu como fio condutor a discussão de Filosofia da Ciência e comunidades. Entendendo uma pesquisa como a criação de mundos, pensamos-sentimos um espaço comum: a formação docente. As ideias de descolonização foram adotadas não apenas como discussão teórica, mas como procedimento metodológico.

O principal movimento que realizamos foi o de *Extervenções* — práticas inventadas por Renata Lima Aspis (2021). O que foram praticadas como intervenções urbanas, na década dos anos 1980, entendemos agora como *exter-invenções*. Extervenção tem a ver com a ideia de paisagem como rizoma, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), e de fazer filosofia com o corpo na rua (Lima Aspis, 2021). É agir filosoficamente na paisagem, na busca de conectar-se com territórios externos, do fora, ou seja, daquilo que ainda não foi inventado, do imprevisível que ainda não foi atualizado em estados de coisas. Tem a ver com sair dos significados, por meio de encontros estéticos, de humor, de estranheza, para criar sentidos. Escapar dos significados que remetem para o mesmo e perseguir encontros, fricções, que podem gerar sentidos singulares (PERCURSOS, 2022).

A pesquisa se concentrava, assim, em realizar as *extervenções*, na intenção de disparar sentidos de comunidade na Universidade e produzir possibilidades de agenciamento. E, num segundo momento, se dedicava ao movimento de análise das *Extervenções* e produção de material escrito. É o resultado desse movimento que apresentamos aqui.

Para esse artigo, selecionamos uma das *Extervenções* realizada junto ao projeto de extensão Na Trilha da Biodiversidade que tinha como temática central a água. A *Extervenção* era simples: após a realização das atividades de trilha, as crianças de Ensino Fundamental eram convidadas a partilharem suas impressões em um registro escrito. O disparador desse registro era as perguntas: “quais vidas têm na água? Quais águas têm na vida?”. Poderia ser com uma frase, uma palavra, um desenho.

Aqui, fazemos um recorte desse registro e o elaboramos, através de um conto, para sentir-pensar as éticas ambientais que as crianças movimentaram e que nos ajudaram a

olhar para a nossa própria formação. Nesse sentido, é pelas palavras, frases e desenhos das crianças que queremos referenciar e analisar a formação docente. Logo, ainda que vindo desse lugar, não nos interessa tratar de água ou processos de Extensão Universitária. Nos interessa mais ampliar os sentidos e os modos de sentir aqueles registros, pensando com e a partir deles para elaborar contribuições sobre o nosso fazer docente.

(Quase) tudo

Toda escrita é uma edição. Para nós (acadêmicos?), isso já nos soa óbvio há algum tempo. Aqui, também nos utilizamos a edição e o recorte. Em dois sentidos.

Um primeiro, mais esperado: os registros em papel das estudantes da Educação Básica não serão apresentados integralmente. Não haveria espaço para isso aqui, afinal foram 70 crianças. Assim, buscamos aqueles que mais despertaram nossa imaginação para a composição das éticas ambientais (logo falaremos sobre isso).

Um segundo tipo de edição é a forma que apresentamos esses recortes selecionados estão apresentados. Seguimos o conceito de *autohistórias*, que Glória Anzaldúa (2021) utiliza para se debruçar na relação entre leitoras, escritora e texto. Ela indica que são trechos sobre suas próprias experiências, mas que fazem com que cada leitora traga sua vivência para a história. Trechos que, por cativarem — gerando sentimentos de identificação e frustração e irritação e o que mais se imaginar —, forcem à implicação. É cada uma que irá compor, num movimento de *cocriação*, fazendo com que o texto tenha uma trama movente, que inaugura possibilidades a cada leitura. Se trata, ainda, de borrar as fronteiras de ficção e não-ficção, abandonando essas categorias.

Nesse artigo, valorizamos as lacunas com as quais cada leitora deverá lidar. Como Glória Anzaldúa constrói, tentamos, também nós, apresentar elementos, tecer discussões, trazer rigor teórico, mas deixar, propositalmente, interstícios a serem preenchidos por águas de experiências outras. Isso quer dizer que trazemos a mesma preocupação da autora: construir um texto acessível às leituras das pessoas que caminharam conosco naquela trilha (as crianças) e outras das quais queremos nos aproximar.

Das águas

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

[...]

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!
(Manoel de Barros, 1999, p. 20)

Das éticas ambientais

É necessário é que exista uma ética nos encontros e condução de uma trilha. Uma ética que não se restrinja às imposições colonizadoras do entendimento do espaço, mas que esteja pautada nas formas possíveis de conexão. Para isso, não parece existir algo prévio: é apenas a dinâmica do acontecimento que trará as responsabilidades que devemos assumir. É preciso estar sensível. Isso quando falamos tanto de ética ambiental quanto de formação docente.

Carecemos de uma ética de estudo criativo que seja atravessada pela sensibilidade, isto é, pela escuta atenta, pela fala prudente, pelo contato, pela emoção, pela afinidade e pela luta. Incorporar eticamente a invenção, o cuidado, a proteção e a autonomia com qualquer pessoa que nos agenciemos. Entendemos *ética* como um conjunto de princípios que dirigem, transformam e regram o comportamento dos seres humanos. Assim, uma ética

(incluindo a ambiental) terá aspectos que dirão das ações e sentipensares das pessoas e das comunidades.

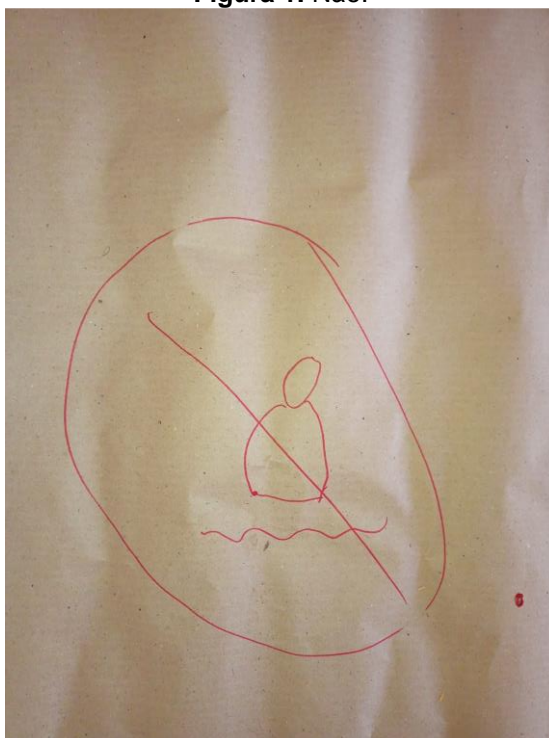
Há um livro inteiro sobre isso. Uma discussão longe de ser esgotada, mas bastante bem explorada. Se tratamos de ética ambiental, tratamos de valor da Natureza. Daniel Braga Lourenço (2019) foi quem o escreveu e, temos certeza, ele já foi uma criança. É aqui que nosso conto começa.

Um conto

Tem uma história que se conta de algumas dezenas de crianças, sentadas em roda no chão com o mundo à sua frente. Cada uma empunha corajosamente ferramentas de invenção e são provocadas à criação. O mundo é um papel kraft de 4 metros no gramado de uma Universidade. As ferramentas? Canetinhas coloridas. A provocação chega em palavras: “Quais vidas há na água? Quais águas há na vida?”. As perguntas formam uma espécie de trocadilho que buscava provocar as crianças fora da ordem comportamental antropocêntrica de sentipensar a água, a natureza, a vida.

Com a mesma coragem com que empunham, elas criam: escrevem, rabiscam, desenham.

Figura 1. Não.



Fonte: Dados da pesquisa

Uma dessas crianças, diz-se, se alimentava de palavras. Ela as comia se nutria, sobrevivia, vivia.

As que ela mais gostava eram aquelas proparoxítonas, algumas com ditongos e as que queriam dizer “casa”.

Comer, se encher de linguagem.

A criança era corajosa como aquelas de Manoel de Barros. Talvez a criança era o próprio Manoel. Mastigando as palavras e se enchendo das *ignoranças* delas.

Mais da metade do nosso kraft-mundo está preenchido com NÃO.

É, quando a provocação foi “quais vidas há na água? Quais águas há na vida?”, as crianças criam um mundo com NÃOs.

NÃO poluir.

NÃO jogar fora.

NÃO desperdiçar água.

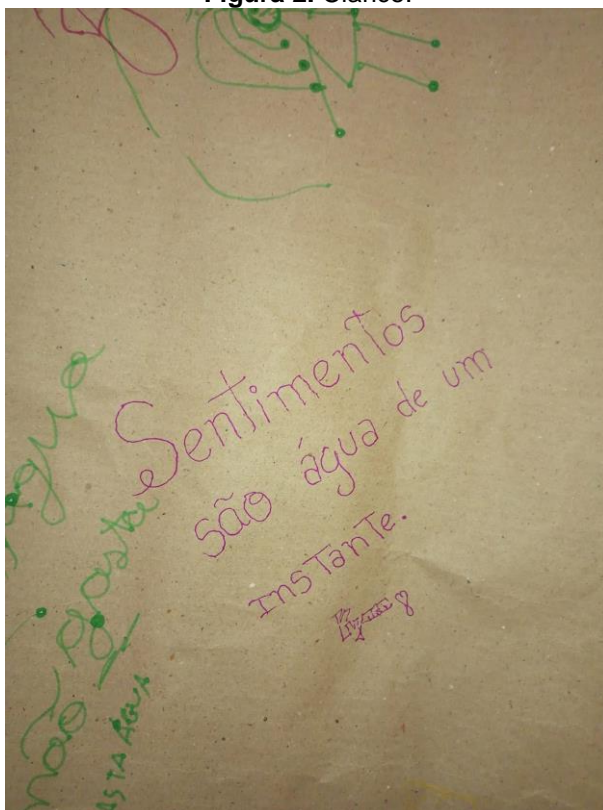
Repare, não estamos dizendo que isso é ruim. Apenas que é... curioso.

Repare também, curioso é bastante diferente de positivo.

Ficamos imaginando em que momento aquelas crianças entenderam que falar sobre uma ética ambiental queria dizer falar NÃO. Que coisa! Quais as éticas que se inauguram quando o que precede é um NÃO? O que o NÃO nos educa ambientalmente enquanto docentes? E, mais, o quanto nossa própria formação indica para mais restrições em relação à natureza que para possibilidade?

Ficamos a pensar na criança mastigadora de palavras com mundo em seus pés. Que sabores? Que cheiros? Que amargos? Que azedos? Que “come isso e não reclama” estão contidos em um NÃO?

Figura 2. Clarice.



Fonte: Dados da pesquisa

E se essa criança fosse Clarice?

“Sentimentos são água de um instante” é uma frase de Clarice Lispector (2020). Está em um conto simpático que se chama “A Legião Estrangeira”. A história de uns filhotes de frango (que, por aqui, costumamos chamar “pinto”) e de gente (que chamamos “criança”).

Logo antes de “Sentimentos são água de um instante”, está: “Sorriamos desamparados, curiosos” (Lispector, 2020, p. 68).

E logo depois: “em breve — como a mesma água já é outra quando o sol a deixa muito leve, e já outra quando se enerva tentando morder uma pedra, e outra ainda no pé que mergulha — em breve já não tínhamos no rosto apenas aura e iluminação” (Lispector, 2020, p. 69).

Água é sentimento-Clarice. O que se sente ao ser convidada (intimada?) a ser mãe de um filhote de frango, ou o que se sente a ser convidada (confrontada?) por um filhote de gente. Ofélia: a filhote de gente do conto que chama a senhora que escreve de esquisita e que mata por amor.

O que ficamos pensando é: o que podemos aprender com Clarice sobre educação ambiental? Ou, o que essa criança de canetinha na mão e o mundo-kraft aos pés aprendeu com Clarice e nós na formação docente ainda não alcançamos? O que ela quis nos ensinar? O porquê falar dos sentimentos se perguntamos de água, talvez seja o mais óbvio. Ou, talvez, na visão dela, como NÃO falar de sentimentos se estamos falando de vida e água?

Mas, por que esse conto? E se não foi criança-Clarice? E se foi filhote-de-gente-criança-Ofélia que escreveu aquilo? E se foi Ofélia nos lembrando: “a senhora é esquisita”.

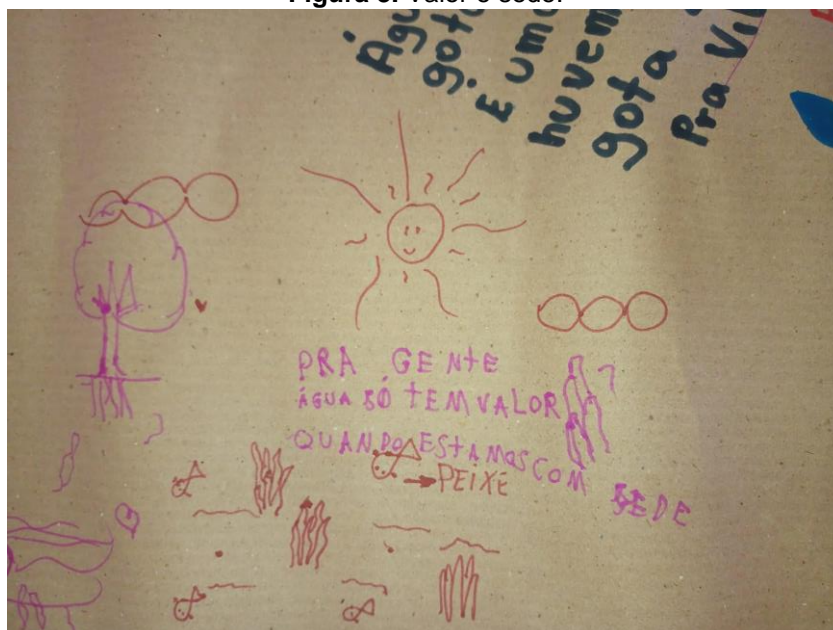
Que esquisito pensar em pesquisa em um kraft.

“Eu...? perguntou sonsa” (Lispector, 2020, p. 69).

Ou pior: e se foi filhote-de-frango?

Piu-piu-piu-piu... “O pinto, esse piava. Sobre a mesa envernizada ele não ousava um passo, um movimento, ele piava para dentro” (Lispector, 2020, p. 70).

Figura 3. Valor e sede.



Fonte: Dados da pesquisa

Isso não parece ser muita novidade. Não. Mesmo agora enquanto contamos a história de crianças, mesmo agora enquanto escrevemos isso. A gente lembra da água, quando dá sede. Garrafa d'água ao lado do kraft, dá sede, bebemos.

Há uma questão central quando tratamos de ética ambiental que é a do valor e da nomeação. O ato de nomear é também de criar. Criar mundos em que essa coisa exista. Comer nomes, produzir um bolo intestinal de linguagem.

Antropocentrismo: “somente o homem possui valor próprio, não havendo qualquer limite direto na utilização da natureza, colocada à disposição para satisfazer suas necessidades e preferências” (Lourenço, 2019, p. 63). E onde que está posto o valor? Na sede?

O que é a sede senão a necessidade da vida? E o que o “só tem valor” senão a permissão milenar em utilizar a natureza à medida da necessidade da vida humana?

Não, o valor está posto no homem é na necessidade do homem. Não é só a sede. Não é mesmo? É a necessidade de um gramado verde na época de seca; é a necessidade de hectares de algodão; é a necessidade de comer carne; é a necessidade de comer filhotes-de-bichos; é a necessidade de bem-estar.

Qual a diferença de bem-estar para bem-viver?

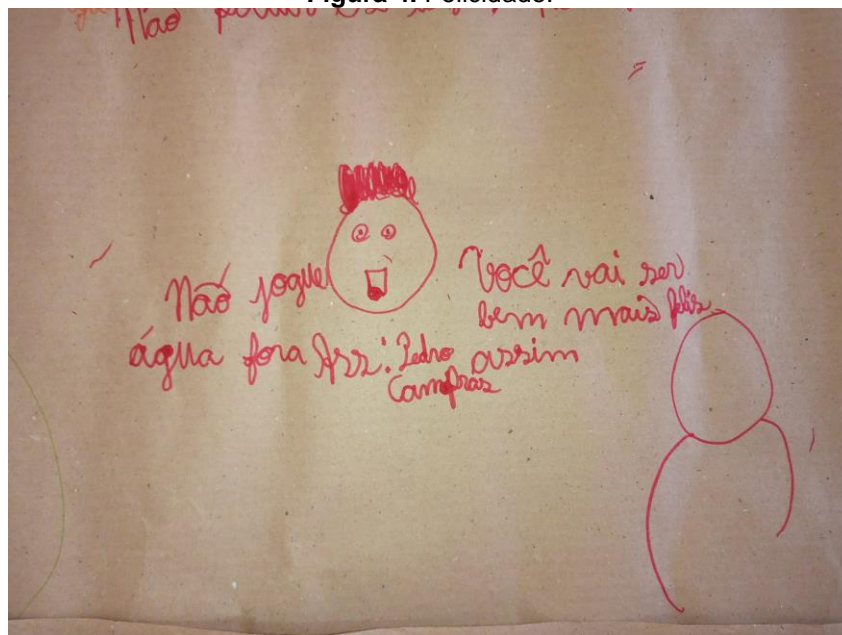
As necessidades mudam se mudarem as expressões?

É, “uma teoria de valor será, nesse sentido, portanto, antropocêntrica, quando afirmar que somente experiências, estados, necessidades e preferências humanas possuem valor intrínseco” (Lourenço, 2019, p. 44). Em “Quais vidas há na água? Quais águas há na vida?”, se relacionamos água à vida exclusivamente via sede, estamos, em canetinha, criando um kraft-mundo-antropocêntrico.

Não duvidamos que filhote-de-gente-criança saiba disso. Não duvidamos, aliás que que a provocação tenha sido pensada. Que história é essa que se conta de vida e água? Quem conta essa história? Há um peixe discreto ao lado da provocação da figura 3, há uma árvore de raízes à mostra, há plantas que somem.

Quem conta essa história bicho-homem-licenciado? Quem produz os discursos de valores na formação docente? E que ética ambiental há nessa produção? Quem critica o antropocentrismo enquanto pede para apenas filhotes-de-gente inventarem um mundo em um kraft?

Figura 4. Felicidade.



Fonte: Dados da pesquisa

Existe uma fábula que poderia estar acontecendo ao mesmo tempo que a história do kraft-mundo e das canetinhas. Ela começa com “há doçura infantil na manhã quieta” e conta os encontros de um caracol com todos os seres vivos que vivem em uma senda. Quem escreveu foi Federico Garcia Lorca (2004), um ser-gente que também já foi filhote-criança.

Encontros com rãs, mariposas e formiguinhas. E depois de tudo: “Talvez às estrelas se chegue por aqui” (Lorca, 2004, p. 13). O caracol sonha. Há uma busca, há uma promessa.

Sim, no valor, há uma promessa. Uma a que nos acostumamos, aliás.

Nós chegaremos às estrelas, nós seremos felizes. Isso, aliás, se...

Se tivermos o emprego dos sonhos, se nos casarmos, se tivermos filhos, se adotarmos um Golden Retriever, se tivermos o dinheiro pra uma cerveja no fim do expediente, se conseguirmos tirar uma soneca na rede depois do almoço.

Seremos felizes se... não jogarmos água fora. Água?

É, além da promessa, há outra coisa. Felicidade é algo humano. Diferente do que as fábulas querem nos fazer acreditar. Só existe isso de felicidade, enquanto conceito circunscrito, dentro da humanidade. Ainda assim, no nosso kraft-fábula-de-mundo, a gente fantasia com a criança-Lorca que um caracol mendiga encontros para encontrar a felicidade.

Mas... água?

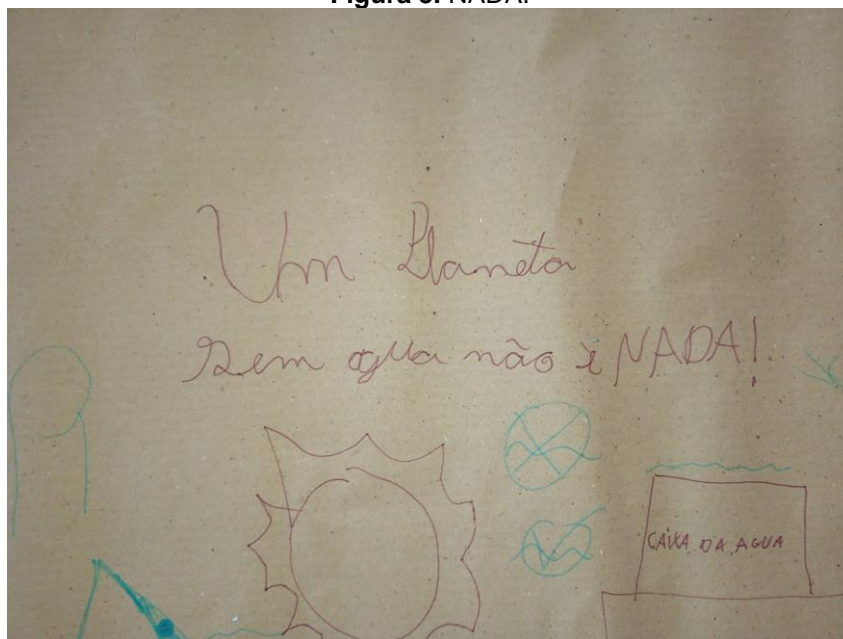
Há uma ética ambiental biocêntrica que me parece projetada nessa promessa. Há um valor inerente do que a água pode fazer pela vida. Isto é, há um valor de garantia e manutenção da vida. Só é feliz quem está vivo. Aliás, só é feliz quem tem a vida garantida.

A principal postulação proveniente do biocentrismo é a de que todos os organismos vivos possuem valor intrínseco, são fins em si mesmos. Não somente seres humanos, mas todos os seres vivos, animais, vegetais e até mesmo micro-organismos, pelo mero fato de serem vivos (o critério fundamental é a essência biológica), possuiriam um interesse fundamental em realizar suas potencialidades biológicas (Lourenço, 2019, p. 77).

Seja lá o que quer dizer biologia. Bio-logia.

A felicidade poderia ser uma essência ou potencialidade biológica? Ou da formação docente da Licenciatura em Ciências Biológicas?

Figura 5. NADA.



Fonte: Dados da pesquisa

NADA. Em letras grandes.

ÊNE. A. DE. A.

NADA.

Curioso que logo abaixo está o que parece ser um sol. Mas, bom, sol não é um planeta. Ele, sem água, pode então ser alguma coisa além de NADA. Em letras grandes.

Outros planetas sempre nos causaram fascínio. Por diferentes motivos. O mais recente é certa impossibilidade de imaginar estar em outro planeta. A gravidade, a temperatura, a atmosfera (a ausência dela), as chuvas de substâncias misteriosas. E, principalmente, as hostilidades. Hostilidade, lógico, pra nós. E para a água? Talvez.

E achamos tão curioso essa impossibilidade de imaginação que acreditamos que atravessa a todos nós, mesmo crianças. Há planeta sem água? NADA! A água é ponto de partida para qualquer possibilidade de valor.

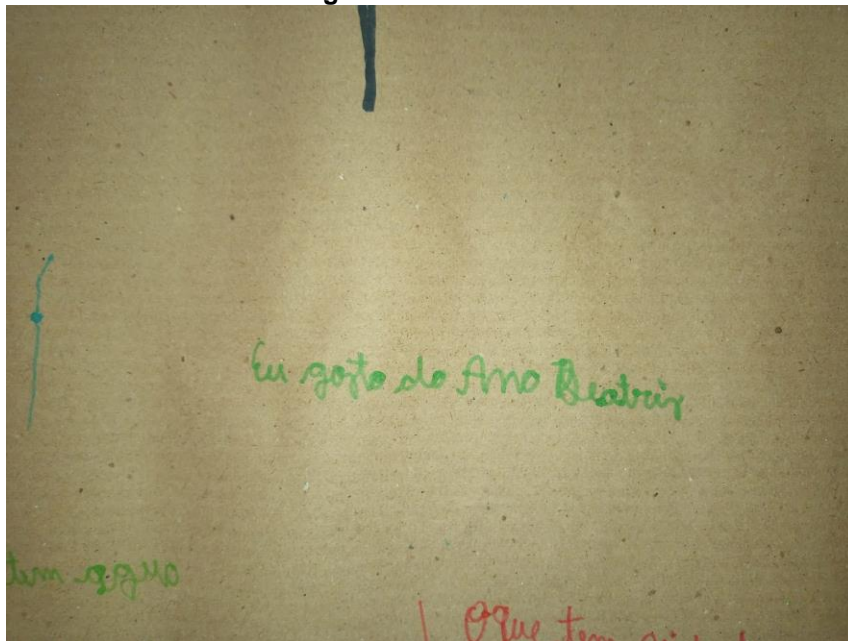
Mas, um curioso-bonito, não é mais a vida, em seu sentido biológico, o ponto-valor. Esse, passa a ser a água.

Não é, aliás, a água possibilitando a vida. É só água.

E aí, “o pano de fundo das teorias ecocêntricas é o holismo, que torna alvo da atenção moral não os indivíduos, mas os entes naturais coletivos, tais como ecossistemas, processos, espécies, sistemas naturais e a própria Terra e o Universo como um todo” (Lourenço, 2019, p. 165). Conseguiríamos uma formação docente ecocêntrica? Que outros entes da coletividade comporiam tal formação? Que outros seres-discursos?

Considerações finais: Ana Beatriz

Figura 6. Ana Beatriz.



Fonte: Dados da pesquisa

A criança que se alimentava de palavras. E se fosse Matilde?

Existe uma poeta que se chama Matilde Campilho. Ela foi criança uma vez. Ela já foi muitas coisas: poeta, artista, artista, filha, portuguesa, estrangeira. Muitas. Talvez, a forma que mais gostam de caracterizá-la é: apaixonada. Já escrevemos outras vezes sobre paixão e a forma como ela pode ser um movimento efetivo para pesquisa (Dos Reis, 2018).

Um dos poemas de Matilde é *O último poema do último príncipe*.

Diz assim:

Era capaz de atravessar a cidade em bicicleta só para te ver dançar.
E isso
diz muito sobre a minha caixa torácica.
(Campilho, 2015, p. 33)

E só. O último poema do último príncipe, pra nós, é paixão. Ponto.

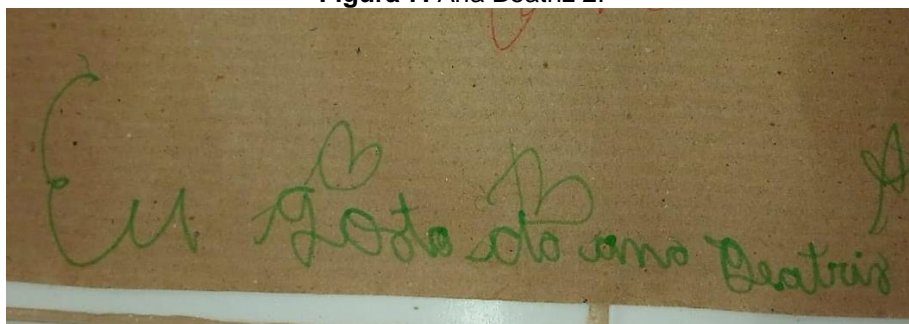
E ao que nos leva as paixões: as urgências.

Nosso papel kraft, lembrem, indicava duas perguntas: “Quais vidas há na água? Quais águas há na vida?”.

Eis que uma das respostas foi: “eu gosto da Ana Beatriz”.

Duas, aliás. Porque a pessoa voltou a escrever, logo embaixo e maior: “eu gosto da Ana Beatriz”.

Figura 7. Ana Beatriz 2.



Fonte: Dados da pesquisa

Para sermos justas, não sabemos a ordem das escritas. Fantasiamos que foi assim, porque imaginamos a urgência de registrar de forma mais visível.

Mas, há também a possibilidade da escrita grande e depois, uma segunda, mais discreta, mais para confirmar que qualquer outra coisa. Talvez para a Ana Beatriz ler e ter certeza que era aquilo mesmo.

Pouco importa isso. O que importa: “eu gosto da Ana Beatriz”.

O que mais importaria?

Quem é que está falando de água, de poluição, de preservação, de mudança climática, de educação. Se tem vida no meio, só uma coisa importa: “eu gosto da Ana Beatriz”.

É urgente que saibamos disso. Que o mundo que está sendo inventado em um kraft tenha o gostar pela Ana Beatriz. E, tendo isso, teremos vida, teremos água, teremos planeta com água e vida.

E daí, fico pensando qual é a minha Ana Beatriz? E a sua?

Talvez o que precisamos para a formação docente seja uma ética ambiental escrita num kraft com canetinha e feita da urgência de uma paixão.

Referências

ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha. 2021.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. São Paulo: Editora 34, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs, vol. 1. **Rio de Janeiro: Editora**, v. 34, 1995.

DOS REIS, Neilton. **Eu sinto que sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher**: tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2018.

LIMA ASPIS, Renata Lima. Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa. **Belo Horizonte: Mazza Edições**, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Companhia das Letras, 2020.

LORCA, Federico Garcia. **Obra poética completa**. Brasília: Editora da UNB. 2004.

LOURENÇO, Daniel Braga. **Qual o valor da natureza?: Uma introdução à ética ambiental**. Editora Elefante, 2019.

PERCURSOS de pesquisa. **Extervenções**. 2022. Disponível em: <<https://agrupelhad.wixsite.com/percursosdepesquisa>>. Acesso em: 20 de julho de 2024.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Neilton dos Reis. Doutor em Educação. Universidade Federal do Oeste da Bahia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Barreiras, BA, Brasil.

E-mail: neilton.dreis@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7511-7698>

Laís de Souza Rédua. Doutora em Educação. Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Educação, Divinópolis, MG, Brasil.

E-mail: lais.redua@uemg.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1281-3805>

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Escola Municipal Professora Hermínia Corgozinho.

FINANCIAMENTO

FAPEMIG (Edital 08/2022 - PIBIC/FAPEMIG/UEMG.)

Programa de Apoio à Extensão – PAEX/UEMG (Id: 19393 e 19346).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 30/07/2024- Aprovado em: 06/12/2024 – Publicado em: 31/12/2024.

COMO CITAR

DOS REIS, N.; RÉDUA, L. S. Um Conto Das Éticas Ambientais Das Águas: (Quase) Tudo o que Encontramos na Trilha. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 5, n. 9, p. 311-327. 2024.